



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBACAMPUS III OSMAR DE AQUINO
CENTRO DE HUMANIDADES DEPARTAMENTO LETRAS CURSO DE
LICENCIATURA PLENA LETRAS – PORTUGUÊS**

JOSIELE SOARES DE OLIVEIRA SOUSA

**ENTRE LIBRAS E LETRAS: AVALIAÇÃO DA ESCRITA EM LÍNGUA PORTU-
GUESA COMO L2 PARA ALUNOS SURDOS EM UMA ESCOLA DO BREJO
PARAIBANO**

**GUARABIRA
2025**

JOSIELE SOARES DE OLIVEIRA SOUSA

ENTRE LIBRAS E LETRAS: AVALIAÇÃO DA ESCRITA EM LÍNGUA PORTUGUESA COMO L2 PARA ALUNOS SURDOS EM UMA ESCOLA DO BREJO PARAIBANO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação Departamento do Curso Letras –Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras - Português.

Área de concentração: Educação de surdos e Ensino de Língua Portuguesa como Segunda Língua.

Orientador: Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins.

**GUARABIRA
2025**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725e Sousa, Josiele Soares de Oliveira.

Entre libras e letras [manuscrito] : avaliação da escrita em língua portuguesa como L2 para alunos surdos em uma escola do brejo paraibano / Josiele Soares de Oliveira Sousa. - 2025.
30 f. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2025.

"Orientação : Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins, Departamento de Letras - CH".

1. Avaliações adaptadas. 2. Escrita. 3. Alunos surdos. I. Título

21. ed. CDD 371.912

JOSIELE SOARES DE OLIVEIRA SOUSA

ENTRE LIBRAS E LETRAS: AVALIAÇÃO DA ESCRITA EM LÍNGUA PORTUGUESA COMO L2 PARA ALUNOS SURDOS EM UMA ESCOLA DO BREJO PARAIBANO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras

Aprovada em: 28/05/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Cleuma Regina Ribeiro da Rocha Lins** (***.172.394-**), em 08/06/2025 12:13:21 com chave 1d96e122447b11f08dd61a1c3150b54b.
- **Juarez Nogueira Lins** (***.072.074-**), em 08/06/2025 11:48:26 com chave a2aa7b48447711f0be0a1a1c3150b54b.
- **Jackson Cicero França Barbosa** (***.758.334-**), em 08/06/2025 23:41:26 com chave 3d78192444db11f08b531a7cc27eb1f9.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 08/06/2025

Código de Autenticação: c20628



Agradeço a Deus pela força e sabedoria, a
minha família e amigos.

“A avaliação é um instrumento a serviço da aprendizagem, e não de sua punição”.

LUCKESI, 2011

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Distribuição percentual dos tipos de erros na escrita dos surdos.....	22
Figura 1– Questionário aplicado para professora de Português.....	28
Figura 2 – Questionário aplicado a intérprete de Libras.....	29
Figura 3 – Prova adaptada (imagem 1)	30
Figura 4 – Prova adaptada (imagem 2)	30

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Estratégias utilizadas para avaliação.....	18
Quadro 1 – Questionário 1.....	19
Quadro 2 – Questionário 2.....	20
Tabela 2 – Classificação dos erros por tipos e causas linguísticas.....	22

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

L1:	Primeira Língua
L2:	Segunda Língua
PANDESB:	Programa de Avaliação Nacional do Desenvolvimento do Surdo Brasileiro
UFRN:	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
	UNITINS:
	Universidade do Tocantins

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 APORTE TEÓRICO- OS CAMINHOS DA PESQUISA	13
2.1 <i>Revisão da Literatura sobre o tema</i>	13
2.2 <i>Estudos Anteriores Sobre a Escrita e Avaliação do Aluno</i>	13
3 METODOLOGIA DA PESQUISA	16
3.1 <i>Tipologia da Pesquisa</i>	17
3.2 <i>Lócus da Pesquisa</i>	17
3.3 <i>Procedimentos da Análise da Pesquisa</i>	18
3.3.1 <i>Perguntas para a Professora de Português</i>	19
3.3.2 <i>Perguntas para a Intérprete de Libras</i>	20
3.4 <i>Resultados e Discussão da Pesquisa</i>	20
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	26
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO A PROFESSORA DE PORTUGUÊS	28
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO A INTÉRPRETE DE LIBRAS	29
APÊNDICE C – PROVAS ADAPTADAS UTILIZADAS PELA PROFESSORA	30
ANEXO A	23

ENTRE LIBRAS E LETRAS: AVALIAÇÃO DA ESCRITA EM LÍNGUA PORTUGUESA COMO L2 PARA ALUNOS SURDOS EM UMA ESCOLA DO BREJO PARAIBANO

BETWEEN LIBRAS AND LETTERS: ASSESSMENT OF WRITING IN PORTUGUESE AS L2 FOR DEAF STUDENTS IN A SCHOOL IN BREJO PARAIBANO

Josiele Soares de Oliveira Sousa¹

RESUMO

Este estudo tem como objetivo investigar a avaliação da escrita em Língua Portuguesa como segunda língua por alunos surdos, conforme proposto no trabalho “Entre Libras e Letras”, realizado em uma escola pública do Brejo Paraibano. Parte-se do entendimento que a Libras é a primeira língua (L1) dessas pessoas, e por isso o ensino do português deve respeitar as diferenças linguísticas e culturais dos surdos. A pesquisa, de abordagem qualitativa e caráter descritivo, utilizaram entrevistas semiestruturadas e questionários adaptados, aplicados a uma professora de português e a uma intérprete de Libras. Os resultados mostram que é fundamental a formação continuada de professores e a criação de formas avaliação que respeitem a especificidade lingüísticas dos surdos. Fundamentando nos estudos de Quadros (2004) e Fernandes (2006), o trabalho destaca que avaliações adaptadas contribuem para uma educação bilíngüe de qualidade, pautada na equidade e na inclusão.

Palavras-Chave: avaliações adaptadas; escrita; alunos surdos; inclusão.

ABSTRACT

This study aims to investigate the assessment of writing in Portuguese as a second language by deaf students, as proposed in the study “Between Libras and Letters”, carried out in a public school in Brejo Paraibano. It is understood that Libras is the first language (L1) of these people, and therefore the teaching of Portuguese must respect the linguistic and cultural differences of the deaf. The research, with a qualitative approach and descriptive character, used semi-structured interviews and adapted questionnaires, applied to a Portuguese teacher and a Libras interpreter. The results show that continued training of teachers and the creation of assessment methods that respect the linguistic specificity of the deaf are essential. Based on the studies of Quadros (2004) and Fernandes (2006), the study highlights that adapted assessments contribute to a quality bilingual education, guided by equity and inclusion.

Keywords: adapted assessments; writing; deaf students; inclusion.

¹ Aluna de Graduação em Letras – Português na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.

E-mail: josyele_soares@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

As pessoas surdas ainda são frequentemente vistas de forma estereotipada, como indivíduos com limitações na compreensão de normas sociais e com dificuldades linguísticas, o que reforça uma percepção equivocada de incapacidade. No entanto, é importante reconhecer que os surdos utilizam a Língua Portuguesa, na modalidade escrita, como segunda língua (L2). A trajetória da educação de surdos é marcada por desafios e conquistas, refletidos na adoção de distintos modelos educacionais ao longo do tempo. Como destaca Kumada (2016), ao longo do tempo, três principais modelos foram adotados: o oralismo, que prioriza o ensino da fala e da leitura labial; a comunicação total, que combina métodos orais e gestuais; e o bilinguismo, que reconhece a língua de sinais como primeira língua (L1) e a língua oral/escrita como segunda língua (L2). Marília da Piedade Marinho Silva (2001), em “A construção de sentidos na escrita do aluno surdo”, aborda a escrita dos surdos como um processo mediado pela Libras, sua primeira língua (L1).

No contexto escolar, isso implica que a escrita em Português (L2) pode apresentar diferenças estruturais e gramaticais, que devem ser compreendidas e valorizadas pelos educadores. É, portanto, essencial que os educadores compreendam essas especificidades no momento da avaliação, adotando critérios que favoreçam a inclusão linguística e previnam práticas excludentes. Ou seja, colocar em prática critérios avaliativos diferenciados na escola significa, principalmente, reconhecer e respeitar a diferença linguística dos alunos surdos e evitar que ocorram atos arbitrários de discriminação e marginalização no contexto escolar (Fernandes (2006).

Neste cenário, a formação continuada dos professores em Libras e em metodologias de ensino de L2 pode melhorar a qualidade da educação oferecida aos alunos surdos, garantindo que suas necessidades linguísticas sejam atendidas.

Conforme afirma Patto (2010):

Educação de qualidade tem como requisito a valorização do educador. Valorizá-lo – tenho insistido de deliberadamente nessa lição que nos legou Florestan Fernandes – é pôr em andamento três coisas: a boa formação, a remuneração justa e a democratização do planejamento de tudo o que diz respeito ao seu fazer docente. (PATTO, 2010, p. 43)

Isto é, uma boa formação é essencial para os professores que atuam com alunos surdos. Sem capacitação em Libras e em metodologias de ensino L2, fica difícil avaliar a escrita desses alunos de forma adequada, respeitando suas particularidades linguísticas e culturais. Neste sentido, o Programa de Avaliação Nacional do Desenvolvimento do Surdo Brasileiro (Pandesb) destaca que o domínio da Libras facilita o aprendizado da leitura e da escrita em Português. Como afirma Quadros (2006), a Libras atua como ferramenta essencial para a compreensão e produção textual em português por alunos surdos (p. 290). Portanto, quanto mais cedo o aluno surdo for exposto à língua de sinais, maior será seu desempenho na Língua Portuguesa.

Para aprofundar este estudo, investigaram-se alguns trabalhos relacionados ao tema da pesquisa “Entre Libras e Letras: Avaliação da escrita em Língua Portuguesa como L2 para alunos surdos em uma escola do Brejo Paraibano”. Um

dos estudos relevantes é o artigo de Alexandre Ribeiro, disponível no Google Acadêmico, que apresenta uma análise crítica sobre o processo de avaliação da produção escrita de alunos surdos em contexto inclusivo. A principal diferença entre esse trabalho e a referente pesquisa está no enfoque, enquanto ele aborda a avaliação de forma ampla, este estudo concentra-se na identificação e aplicação de critérios específicos que o professor pode aplicar com os alunos surdos.

Outro artigo importante é o de Cleisiane Silva, também localizado no Google Acadêmico, que explora a interlíngua, ou seja, como a Libras (Língua Brasileira de Sinais) influencia a escrita em Português dos surdos. Este estudo vai além, buscando entender como a exposição precoce a Libras pode contribuir para melhorar a escrita em Português desses estudantes. Além disso, destaca-se a monografia de Karinne Costa, disponível na Biblioteca Digital da UEPB, que reflete sobre o ensino da Língua Portuguesa para estudantes surdos. O diferencial desta pesquisa é propor que o professor desenvolva metodologias específicas para incluir esses alunos e utilize avaliações adaptadas às suas necessidades.

Esses estudos foram fundamentais para o desenvolvimento da presente pesquisa, propondo avanço ao focar em estratégias práticas para a avaliação e o ensino de alunos surdos, oferecendo uma abordagem mais direcionada e inclusiva.

Este estudo se justifica, então, pela necessidade de refletir sobre as práticas avaliativas da escrita em Língua Portuguesa para alunos surdos. Muitos professores não possuem capacitação em Libras ou desconhecem as particularidades da aquisição da L2, o que pode resultar em avaliações descontextualizadas e injustas. Portanto, a capacitação docente e a adoção de metodologias adaptadas são consideradas passos essenciais para garantir que a avaliação da escrita não se limite à identificação de “erros” e “acertos”, mas considere o processo de aprendizagem como um todo.

A partir desse contexto, o objetivo geral é analisar a avaliação da escrita em Língua Portuguesa (L2) por alunos surdos em uma escola do brejo paraibano, propondo critérios a interlíngua e a mediação da Libras (L1), com base em Lacerda (2020) e Strobel (2018).

Como objetivo específico busca-se:

- Mapear os padrões de erro na produção escrita decorrentes da interferência da Libras (L1), classificando-os em categorias linguísticas como: sintaxe (ex: ausência de concordância verbal ou nominal), léxico (ex: troca de palavras por aproximação de sentido, como “falar” no lugar de “dizer”), ortografia (ex: grafias influenciadas pelo sinal visual, como omissão de letras).
- Avaliar as estratégias pedagógicas utilizadas pela professora e interprete, destacando: uso de recursos visuais; adaptações nas avaliações; colaboração entre profissionais.
- Propor diretrizes para avaliações adaptadas, incluindo: rubricas com critérios bilíngues (Libras - Português); instrumentos que valorizem a comunicação efetiva sobre a norma padrão.

Do ponto de vista dos procedimentos da pesquisa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com uma professora de Língua Portuguesa e com uma intérprete de Libras que atuam em uma turma com aluno surdo.

O problema central desta pesquisa é: como ocorre o processo de avaliação da escrita em Português de alunos surdos em uma escola do brejo paraibano? Além disso, questiona-se: Avaliar a escrita do aluno surdo deve se limitar a identificar erros e acertos em relação à língua portuguesa?

A hipótese do estudo é que a avaliação da escrita em Português para alunos surdos será mais eficiente e justa quando os professores adotarem critérios compatíveis com a interlíngua e respeitarem o percurso bilíngüe desses estudantes.

2 APORTE TEÓRICO – OS CAMINHOS DA PESQUISA

O que eles chamam de nossos defeitos é o que temos de diferente deles...
Mario Quintana (Cadernos H, 1995)

2.1 *Revisão da Literatura sobre o tema*

A educação de surdos é amplamente discutida na literatura, com ênfase no ensino e na avaliação da escrita em Língua Portuguesa como segunda língua (L2). Historicamente, os modelos educacionais voltados à surdez passaram por fases distintas, desde o oralismo, que priorizava a fala e a leitura labial, até o bilinguismo, que reconhece a Libras como L1 e o Português como L2. O bilinguismo, adotado no Brasil após a oficialização da Libras em 2002, é defendido por autores como Quadros (2006) e Skliar (1999) como a abordagem mais eficaz para promover o desenvolvimento cognitivo e social de estudantes surdos.

Entretanto, os estudos também evidenciam desafios recorrentes, como a ausência de formação docente em Libras e em metodologias específicas para o ensino de L2, além da adoção de critérios avaliativos que desconsideram as especificidades linguísticas e culturais da surdez. Esses desafios são abordados em estudos como os de Silva (2001) e Freire (1999), os quais ressaltam a importância de práticas pedagógicas inclusivas, adaptadas às necessidades dos surdos.

A falta de atenção às necessidades educacionais específicas dos surdos, aliada a práticas pedagógicas inadequadas, pode resultar em atraso escolar e em uma formação educacional incompleta. Como aponta Freire (1999, p.25), “a educação formal da criança e do adulto surdo atravessa hoje um momento crítico, já que, incontestavelmente, muitos desses aprendizes estão atrasados em sua escolaridade em relação a aprendizes ouvintes em todos os componentes do currículo de 1° e 2° graus”.

A proposta bilíngüe fundamenta-se no reconhecimento da Libras como L1 e do Português escrito como L2. Essa perspectiva assegura que o ensino ocorra por meio de uma língua plenamente acessível, favorecendo o desenvolvimento linguístico, cognitivo e social dos surdos. Nesse processo, a Libras atua como ferramenta mediadora para a aquisição da L2, como destaca Quadros (2006), sendo essencial que os educadores compreendam essa dinâmica para promover uma aprendizagem significativa e respeitosa.

2.2 *Estudos Anteriores Sobre a Escrita e Avaliação do Aluno*

Estudos como os de Quadros (2006) e Silva (2001) destacam que a escrita dos surdos é influenciada pela Libras, sua L1, e que o português escrito é adquirido como L2. Esses estudos reforçam a importância de estratégias pedagógicas que

valorizem a Libras como ferramenta mediadora no processo de ensino e aprendizagem do português escrito.

Além dessas perspectivas fundamentais, pesquisas recentes trazem contribuições específicas sobre o processo avaliativo. Lacerda (2020) e Strobel (2018) demonstram como a escrita do surdo em L2 constitui um sistema linguístico intermediário (interlíngua) que requer avaliações adaptadas, considerando:

- (i) O tempo diferenciado de aquisição,
- (ii) A influência da sintaxe espacial da Libras, e
- (iii) A necessidade de multimodalidade (texto+imagem+sinal).

Esses achados reforçam que, como aponta Freire (1999), a educação formal da criança e do adulto surdo atravessa um momento crítico, com muitos aprendizes atrasados em sua escolaridade em relação aos ouvintes. Isso ocorre, em grande parte, devido à falta de atenção às necessidades educacionais específicas dos surdos e à adoção de práticas pedagógicas inadequadas.

Skliar (1999) reforça essa perspectiva ao criticar o modelo educacional tradicional, que frequentemente impõe o português como língua dominante, negligenciando a Libras. Ele defende que a educação bilíngue deve ser um espaço onde a Libras seja valorizada como língua de instrução, permitindo que os surdos se desenvolvam cognitivamente e socialmente de forma plena.

Vygotsky (1991) oferece um suporte adicional ao defender que o desenvolvimento cognitivo ocorre por meio da interação social e da mediação de instrumentos culturais, como a linguagem. No caso dos surdos, a Libras assume o papel de principal ferramenta mediadora, permitindo que eles interajam com o mundo e construam significados.

Silva (2001) acrescenta que a mediação docente é essencial para favorecer a construção de sentidos na produção escrita de estudantes surdos. Ela sugere estratégias como a tradução e interpretação de textos, a produção de textos coletivos e o uso de recursos visuais, que conectam a Libras ao Português e promovem uma aprendizagem mais significativa.

A teoria do bilinguismo propõe que a educação de surdos deve ser baseada no reconhecimento da Libras como L1 e do português como L2. Essa abordagem visa garantir que os surdos tenham acesso pleno ao conhecimento e à comunicação, respeitando sua identidade linguística e cultural. Como afirma Quadros (1997), “a língua oral é adquirida de forma sistematizada, então as pessoas surdas têm o direito de ser ensinadas na língua de sinais. A proposta bilíngue busca captar esse direito”.

A mediação do professor e do intérprete de Libras é essencial para facilitar a aquisição do português como L2. Como destaca Vygotsky (1991), a aprendizagem ocorre na zona de desenvolvimento proximal, ou seja, no espaço entre o que o aluno é capaz de fazer sozinho e o que ele pode alcançar com o apoio de um mediador. No contexto da educação de surdos, isso significa que o professor e o intérprete devem atuar como facilitadores, adaptando as atividades e os materiais didáticos para garantir que o aluno surdo possa avançar em seu processo de aprendizagem.

A integração entre a teoria do bilinguismo e a mediação vygotskyana permite compreender que Libras não é apenas uma língua de comunicação, mas também uma ferramenta essencial para o desenvolvimento cognitivo e social dos surdos. Como afirma Quadros (2006), a Libras assume um caráter mediador no processo de aquisição do português escrito, auxiliando na compreensão, decodificação e produção de textos.

Portanto, a educação bilíngue para surdos deve ser pautada em práticas pedagógicas que valorizem a Libras como língua de instrução e utilizem estratégias de mediação para facilitar a aquisição do Português como L2. Isso inclui o uso de materiais didáticos adaptados, a presença de intérpretes de Libras em sala de aula e a formação continuada de professores para atuar de forma inclusiva.

Ao trabalhar com alunos surdos, é essencial que os professores adaptem seus métodos de avaliação para garantir que sejam acessíveis e adequados às necessidades individuais de cada aluno. Segundo Soares, Costa Ribeiro e Santos (2019, p. 2), “a avaliação acompanha as práticas de ensino e aprendizagem, reflete nos resultados obtidos, nos trabalhos pedagógicos e redireciona a prática”. No entanto, a prova escrita nem sempre é a forma mais eficaz de avaliar o aluno surdo. Como afirma Corrêa (2017, p. 26), “exigir do aluno surdo um domínio da norma padrão da língua portuguesa sem oferecer-lhe o apoio e os recursos necessários pode ser frustrante e prejudicial para o seu desenvolvimento”.

É importante que as escolas e profissionais da área da educação estejam atentos a essas questões e busquem formas de tornar o ensino da língua portuguesa mais acessível e inclusivo para os alunos surdos.

Para Quadros (2004, p. 98), “a leitura apresenta, em pelo menos algum nível, uma relação com os sons das palavras. Entretanto, para pessoas surdas, não existe a associação entre sons e sinais gráficos; a língua escrita é percebida visualmente”. Portanto, é fundamental que os educadores desenvolvam estratégias de ensino que relacionem a Libras e o Português, utilizando materiais didáticos adaptados e incentivando a leitura e a produção de textos de forma a promover o desenvolvimento linguístico dos surdos.

Nesse sentido, Quadros (2006, p. 29) sugere algumas práticas metodológicas para trabalhar com alunos surdos, como:

Desenvolver o uso de estratégias específicas para resolução de problemas; exercitar o uso de jogos de inferência; trabalhar com associações; desenvolver as habilidades de discriminação visual, explorar a comunicação espontânea; ampliar constantemente vocabulário oferecer constantemente literatura impressa na escrita em sinais; proporcionar atividades para envolver a criança no processo de alfabetização como autora do próprio processo. (QUADROS 2006, p. 29).

A formação dos professores sem Libras é um aspecto crucial para garantir a inclusão efetiva dos alunos surdos. Conforme estabelece a legislação brasileira (BRASIL, 2005, p. 5), as instituições de ensino devem garantir a inclusão de alunos surdos por meio da organização de escolas e classes bilíngues, com professores capacitados e a presença de tradutores e intérpretes de Libras. No entanto, como ressalta Kyle (1999, p. 18-20), a simples adoção de uma abordagem bilíngue não garante a efetividade do ensino se não houver uma aceitação real da Libras como língua de instrução e se o currículo continuar centrado em uma perspectiva auditiva.

No entanto, a mera presença de alunos em uma sala de aula não garante a inclusão efetiva. Para que a inclusão seja realmente eficaz, é fundamental que os professores e a equipe escolar adotem práticas pedagógicas inclusivas, que levem em consideração as necessidades específicas de cada aluno.

A questão norteadora explícita na introdução e retomada aqui: como avaliar a escrita do Português do aluno surdo? A perspectiva ressalta a importância de respeitar

o processo de aprendizagem da língua portuguesa como L2 para o aluno surdo, exigir do aluno surdo um domínio da norma padrão da língua portuguesa sem oferecer-lhe o apoio e os recursos necessários pode ser frustrante e prejudicial para o desenvolvimento do aluno.

No processo de avaliação, o professor deve criar estratégias considerando que alguns alunos podem demandar ampliação do tempo para a realização dos trabalhos e o uso da língua de sinais, de textos em Braille, de informática ou de tecnologia assistiva como uma prática cotidiana (BRASIL, 200, p.16).

Ao adotar estratégias práticas inclusivas no processo de avaliação, o professor estará garantindo que todos os alunos tenham a oportunidade de demonstrar seu conhecimento e habilidades de forma equitativa.

No Brasil, a presença do intérprete de Libras começou a se destacar a partir dos anos 1980, inicialmente em contextos religiosos e posteriormente se expandindo para a educação. Ter um intérprete de Libras na sala de aula é fundamental para garantir que os alunos surdos tenham acesso à comunicação e ao conteúdo ministrado pelo professor.

Quando se trata de tradução/interpretação no ambiente escolar, Quadros (2004, p. 60) diz que “o intérprete especialista para atuar na área da educação deverá ter um perfil para intermediar as relações entre os professores e os alunos, bem como entre os colegas surdos e os colegas ouvintes”. Além de traduzir a linguagem falada para a Libras, o intérprete facilita a socialização e o aprendizado do aluno surdo, contribuindo para um ambiente educacional mais inclusivo.

Portanto, a avaliação da escrita em Português do aluno surdo deve considerar suas particularidades linguísticas e culturais, adotando estratégias que respeitem seu processo de aprendizagem. Como afirma Sousa (2015):

O intérprete de libras deve atuar em sala de aula com o intuito de contribuir para o processo de ensino-aprendizagem aconteça da maneira mais efetiva possível. Ainda que seja exaustivo, deve respeitar o ritmo do aluno e auxiliar o professor regente com informações e direcionamentos de como poderá realizar adaptação. O intérprete deverá estabelecer esse vínculo entre o contexto em que o aluno está inserido e a libras, proporcionando sempre que possível a socialização do aluno. (SOUSA, 2015, p. 178)

Esta colaboração entre o intérprete e o professor é essencial para garantir que o conteúdo seja compreendido de forma eficaz pelos alunos surdos.

Nesse sentido, é importante que as políticas públicas em educação incluam medidas específicas para promover a inclusão dos surdos no ambiente escolar, e é essencial investir na formação de profissionais capacitados para atuar com esses alunos, como intérpretes de Libras e professores especializados. A valorização da cultura surda e o investimento em políticas públicas inclusivas são passos essenciais nesse processo de construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

A avaliação na educação de alunos surdos deve ser entendida como um processo contínuo e formativo, cujo objetivo vai além da simples mensuração de resultados, buscando promover o desenvolvimento integral do estudante. Conforme Perrenoud (1999), a avaliação formativa tem como finalidade primordial oferecer feedback constante ao aprendiz, possibilitando a identificação de suas dificuldades e o avanço em sua trajetória de aprendizagem. Tal abordagem é especialmente pertinente para alunos surdos, que enfrentam desafios específicos na aquisição do Português como segunda língua (L2). Luckesi (2011) reforça essa perspectiva ao afirmar que a avaliação deve ser um instrumento diagnóstico, e não punitivo centrado no progresso do aluno em vez da penalização por “erros”.

A avaliação diferenciada consiste em uma abordagem que reconhece as especificidades dos alunos surdos e ajusta os critérios avaliativos às suas necessidades particulares. De acordo com Lodi (2013), essa modalidade de avaliação não implica em “facilitar” o processo, mas em assegurar que os critérios adotados sejam justos e inclusivos, levando em consideração o contexto bilíngue e a mediação da Libras no ensino do Português. Gesser (2009) destaca que a avaliação diferenciada deve estar fundamentada em práticas pedagógicas que valorizem a Libras como língua de instrução e empreguem estratégias adaptadas para facilitar a aquisição da L2. Entre tais estratégias estão o uso de recursos visuais, a elaboração de textos coletivos e a atuação conjunta do professor e do intérprete de Libras como mediadores do processo de aprendizagem. Dessa forma, a avaliação na educação de surdos deve estar ancoradas em práticas formativas e diferenciadas, que respeitem as singularidades linguísticas e culturais desses estudantes e fomentem um ambiente educacional inclusivo. Silva (2001) corrobora essa perspectiva ao defender que a escrita do aluno surdo é um processo de construção de sentidos, o qual deve ser valorizado e respeitado no contexto avaliativo, promovendo a inclusão e o pleno desenvolvimento desses aprendizes.

3.1 Tipologia da Pesquisa

Além da abordagem qualitativa e descritiva, esta pesquisa incorpora elementos de estudo de caso, por se concentrar em um contexto específico em uma escola do Brejo Paraibano, e de pesquisa participante, devido à interação direta com os sujeitos, professora e intérprete por meio de entrevistas semiestruturadas. A abordagem qualitativa possibilita a análise aprofundada das práticas avaliativas utilizadas pelos professores, destacando a necessidade de critérios adaptados e inclusivos. Conforme Richardson (2011, p. 79), “a abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social”. Quanto ao aspecto descritivo, Gil (2015, p. 42) ressalta que “entre as pesquisas descritivas, salientam-se aquelas que têm por objetivo estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, estado de saúde física e mental”.

3.2 Lócus da Pesquisa

O local desta pesquisa é uma escola pública situada na região do Brejo Paraibano, que atende alunos surdos em turmas regulares com o suporte de intérpretes de Libras. A escolha desse contexto justifica-se pela relevância de compreender as práticas avaliativas em um ambiente real de inclusão, marcado por características socioeconômicas e educacionais particulares. Parte-se do pressuposto de que a escrita dos alunos surdos é influenciada diretamente pela Libras (L1), enquanto o Português é adquirido como segunda língua (L2). Assim, o estudo objetiva refletir sobre as práticas avaliativas utilizadas pelos professores, enfatizando a necessidade de critérios diferenciados e inclusivos que respeitem as especificidades linguísticas e culturais dos estudantes surdos.

3.3 Procedimentos da análise da pesquisa

Para a coleta de dados, esta pesquisa adotou uma abordagem qualitativa com triangulação de métodos, a fim de obter uma compreensão ampla e aprofundada das práticas avaliativas voltadas para alunos surdos no contexto da Língua Portuguesa. O estudo foi realizado em uma escola do Brejo Paraibano, entre novembro de 2024 e abril de 2025. A triangulação envolveu três procedimentos metodológicos principais: revisão bibliográfica, fundamentada em autores como Quadros (2004), Fernandes (2006) e Strobel (2018); análise documental, centrada no exame de instrumentos avaliativos utilizados em sala de aula e questionários semiestruturados, contendo 10 perguntas, sendo cinco direcionados a professora e cinco a intérprete.

As perguntas abordaram temas como a definição de inclusão, a capacitação dos profissionais, as estratégias de avaliação e a forma como a escrita do aluno surdo é avaliada.

A seleção dos participantes foi intencional, considerando critérios de relevância para o objeto de estudo. Uma professora de Língua Portuguesa, graduada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) em 2019, com formação em Letras e experiência na disciplina de Libras durante sua graduação. A intérprete de Libras, graduada em Letras pela Universidade do Tocantins (Unitins), possui cursos técnicos em Libras (básico, intermediário e avançado), além de especialização em Libras e formação em Libras tátil. Ambas atuam em conjunto em sala de aula, com foco na inclusão de alunos surdos.

Para garantir o anonimato, os nomes da professora e da intérprete foram preservados.

As provas utilizadas para avaliar o aluno surdo foram analisadas como parte da coleta de dados. Essas provas foram adaptadas para entender as necessidades do aluno, considerando:

Linguagem clara e acessível: As questões foram formuladas de forma direta, evitando ambiguidades.

Uso de recursos visuais: Inclusão de imagens, gráficos e esquemas para facilitar a compreensão.

Apoio da intérprete de Libras: Durante a aplicação das provas, a intérprete auxiliou na tradução e interpretação das questões.

Outras estratégias adotadas pela professora para avaliação incluem:

Tabela 1: Estratégias utilizadas para avaliação

Estratégias	Exemplo	Finalidade
Linguagem clara e acessível	Reformulação de enunciados sem ambiguidade	Facilitar a compreensão do conteúdo
Uso de recursos visuais	Inclusão de imagens, gráficos e esquemas	Apoiar a aprendizagem visual
Apoio da intérprete	Tradução e interpretação durante as provas	Tornar as avaliações acessíveis aos alunos
Alfabeto manual	Uso da datilologia (soletração com as mãos)	Mediar termos sem sinal direto em Libras
Avaliação contínua	Observação diária do desempenho do aluno	Avaliar o processo, não apenas o produto
Feedback personalizado	Correções específicas e orientações adaptadas	Promover o progresso individual

Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Conforme ilustrado na Tabela 1, as estratégias adotadas para avaliar alunos surdos foram planejadas para garantir equidade no processo de aprendizagem.

3.3.1 Perguntas para a professora de Português

Quadro 1- Questionário 1

P1: Como você adapta suas aulas de Língua Portuguesa para atender às necessidades dos alunos surdos? Quais estratégias e recursos você utiliza para facilitar o aprendizado da escrita em português como segunda língua (L2)?

R: usando adaptações: Libras, materiais visuais.

P2: Quais critérios você utiliza para avaliar a escrita em português dos alunos surdos? Como você lida com as diferenças linguísticas e estruturais que podem surgir na produção textual desses alunos?

R: Uso a Libras, alfabeto manual. Fazendo adaptações. Ex.: Adaptando as avaliações e simulados.

P3: Como a presença da intérprete de Libras em sala de aula influencia o processo de ensino e aprendizagem? De que forma você e a intérprete trabalham em conjunto para garantir que o conteúdo seja acessível ao aluno surdo?

R: Eles têm um papel importante, eles dão todo apoio, seja no ensino da Libras, na interpretação e ajudando na adaptação de trabalho e avaliação e simulados.

P4: Quais são os principais desafios que você enfrenta ao ensinar Língua Portuguesa para alunos surdos? Como você supera essas dificuldades?

R: Não saber a Libras, com ajuda da intérprete que faz a ponte de comunicação.

P5: Você já recebeu formação específica para trabalhar com alunos surdos? Como você avalia a importância da capacitação em Libras e em metodologias de ensino de L2 para o seu trabalho?

R: Não! Importante, apesar de ser muito pouco o conhecimento adquirido.

Fonte: Criado pela autora (2025)

3.3.2 Perguntas para a Intérprete de Libras

Quadro 2: Questionário 2

P1: Como você descreve o seu papel como intérprete de Libras no processo de ensino e aprendizagem do aluno surdo? Quais estratégias você utiliza para garantir que o conteúdo ministrado pela professora seja compreendido pelo aluno?

R: O papel fundamental, pois somos a ponte da comunicação entre o surdo e o professor. Adaptações, a maioria delas visuais.

P2: Como é a colaboração entre você e a professora de Português? De que forma vocês trabalham juntas para adaptar as atividades e avaliações às necessidades do aluno surdo?

R: Eu ajudo na comunicação. Sentamos e decidimos como será a adaptação da avaliação de português.

P3: Quais são os principais desafios que você enfrenta ao interpretar o conteúdo de Língua Portuguesa para o aluno surdo? Como você lida com termos ou conceitos que não têm equivalentes diretos em Libras?

R: O nível de escolaridade, pois o aluno ainda está na fase de alfabetização, apesar de cursar o ensino médio. Uso datilologia e visuais.

P4: Como você participa do processo de avaliação da escrita do aluno surdo? De que forma você contribui para que a professora compreenda as particularidades linguísticas e culturais do aluno?

R: Faço a adaptação de todas as disciplinas. As avaliações são adaptadas para o nível de escolaridade do aluno e na jornada pedagógica da escola, mostro quais são os alunos surdos e como eles estão em nível social linguístico e na cultura surda.

P5: Qual é a sua formação e experiência como intérprete de Libras? Como você avalia a importância da formação continuada para o seu trabalho em sala de aula?

R: Tenho cursos técnicos: Libras básico, intermediário e avançado e Libras tátil. Especialização em Libras, pois é algo que precisa ser contínua e presencial, mas muitas vezes é escasso.

Fonte: Criado pela autora (2025)

3.4 Resultados e discussão da pesquisa

No contexto do ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para alunos surdos, tanto a professora quanto a intérprete de Libras exercem funções complementares e fundamentais para a promoção da inclusão e da aprendizagem significativa. As respostas obtidas na pesquisa indicam o uso de estratégias adaptadas e recursos visuais por ambas as profissionais, visando facilitar a compreensão e a produção textual dos estudantes surdos. A professora entrevistada

ênfatiza a importância do uso da Libras e de materiais visuais como estratégias para adaptar o ensino da Língua Portuguesa, reconhecendo o status dessa língua como L2 para os alunos surdos. Relata ainda a necessidade de ajustar avaliações e simulados, por meio do uso do alfabeto manual e da consideração das especificidades linguísticas que marcam a produção escrita desses alunos. A colaboração com a intérprete é considerada essencial, pois esta atua como elo comunicativo e contribui na adaptação das atividades. Apesar de identificar a limitação quanto à sua fluência em Libras, a professora relata que essa dificuldade tem sido superada com o suporte da intérprete.

A intérprete de Libras, por sua vez, relata desempenhar um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem dos alunos surdos, assegurando o acesso ao conteúdo ministrado em sala de aula. Para isso, recorre a estratégias visuais e ao uso da datilografia (soletração com as mãos) na explicação de termos que não possuem sinal correspondente em Libras. Também atua ativamente na adaptação das avaliações, levando em conta o nível de escolaridade e as particularidades linguísticas e culturais dos estudantes. Sua formação abrange cursos técnicos e especialização em Libras, e ela ressalta a relevância da formação continuada para o aprimoramento de sua atuação educacional.

Em síntese, a parceria entre a professora e a intérprete revela-se crucial para o processo de aprendizagem dos alunos surdos. Embora enfrentem desafios, como a limitação na fluência da professora em Libras e as dificuldades na adaptação de conteúdos, tais obstáculos são superados pela atuação colaborativa e pelo emprego de estratégias pedagógicas adaptadas. A formação continuada e o investimento em recursos visuais e metodologias específicas para o ensino de L2 são apontados como elementos essenciais para melhorar a qualidade do ensino oferecido a esses alunos.

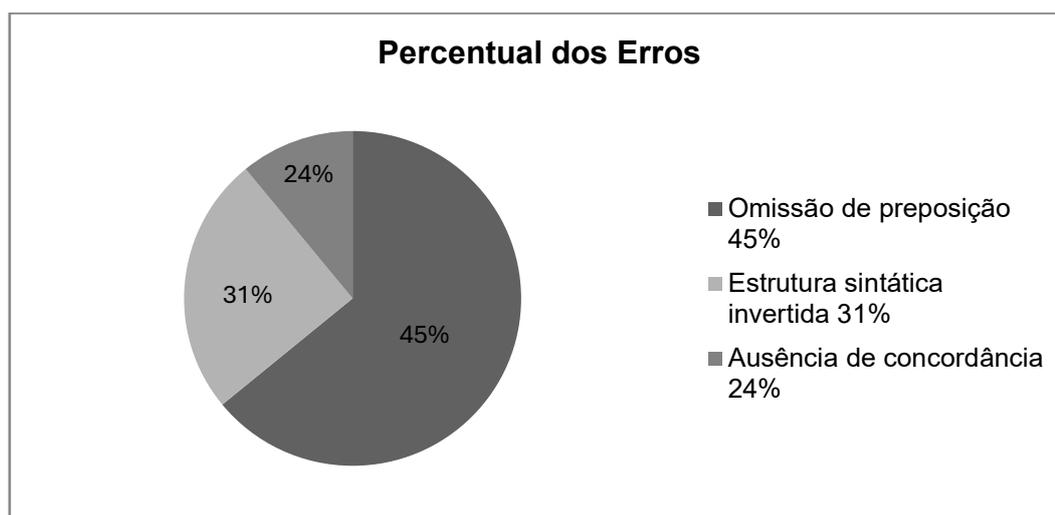
A análise dos dados evidenciou que, embora haja esforço da professora em adaptar suas práticas às necessidades do aluno surdo, persistem lacunas importantes, sobretudo no que diz respeito à sua formação em Libras. Essa carência resulta em uma forte dependência do trabalho da intérprete, revelando uma realidade frequente nas escolas públicas: a inclusão de alunos surdos ainda depende, em grande medida, da iniciativa individual dos profissionais, em vez de políticas institucionais consistentes e estruturadas.

O trabalho colaborativo entre professora e intérprete foi fundamental, mas também expôs a ausência de uma formação integrada entre os dois profissionais. A intérprete assumiu não apenas a função de traduzir, mas também de orientar a professora quanto às adaptações pedagógicas, o que vai além de sua atribuição formal. Esse cenário levanta uma reflexão urgente: será que estamos preparados, enquanto sistema educacional, para oferecer uma educação bilíngue de fato, ou apenas de forma simbólica?

Embora as adaptações nas avaliações tenham sido coerentes com o nível linguístico do aluno surdo, observa-se a ausência de instrumentos específicos que considerem a mediação da Libras no processo avaliativo. Isso reforça a urgência na elaboração de critérios próprios para a avaliação da escrita em Português como L2, com foco no processo de aprendizagem, e não apenas no produto final. Assim como Ribeiro (2019) observou em escolas de São Paulo, a falta de critérios claros para avaliação da escrita resulta em inconsistências que comprometem a equidade no processo avaliativo. Isso reforça a necessidade de instrumentos adaptados à realidade bilíngue dos alunos surdos.

Conforme Strobel (2018), 72% dos erros na produção escrita de alunos surdos decorrem de transferências linguísticas da Libras (L1) para o Português (L2), evidenciando o processo de interlíngua. Esses dados ajudam a interpretar os resultados do gráfico 1, que mostra a predominância de erros como a omissão de preposição (45%) e a estrutura sintática invertida (31%), frequentemente relacionados a influenciada L1.

Gráfico 1 – Distribuição percentual dos tipos de erros mais comuns na escrita dos surdos



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Como evidenciado no Gráfico 1, os erros mais recorrentes na escrita dos alunos surdos são: omissão de preposições (45%), inversão sintática (31%) e ausência de concordância (24%). Esses dados revelam com clareza a influência da Libras como língua materna (L1) no processo de aquisição do português escrito (L2).

Tabela 2: Classificação dos erros por tipos e causas linguísticas

Tipo de Erro	Exemplo	Causa Linguística
Omissão de artigos	“Vi gato” (sem “o”)	Libras não usa artigos definidos
Ordem direta da frase	“Casa grande”	Sintaxe espacial da Libras
Substituição lexical	“Fazer comida” (“por cozinhar”)	Aquisição limitada de vocabulários em L2

Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

A Tabela 2 reforça essa análise ao apresentar exemplos concretos e suas causas linguísticas, como a omissão de artigos, ausentes na estrutura da Libras, e a ordem direta das frases, características da sintaxe espacial da L1. Assim, os chamados “erros” devem ser compreendidos como marca natural do processo de aquisição de uma segunda língua e considerados na avaliação da escrita dos surdos, conforme também propõe Lacerda (2020).

Um dos principais achados desta pesquisa é a necessidade de critérios avaliativos que considerem as particularidades linguísticas e culturais dos surdos. A escrita em Português, para esses alunos, é um processo mediado pela Libras, sua primeira língua (L1), o que resulta em diferenças estruturais e gramaticais que devem ser compreendidas e valorizadas pelos educadores. A professora entrevistada demonstrou consciência dessa realidade ao adaptar suas aulas e avaliações, utilizando recursos visuais e o alfabeto manual. No entanto, ela também destacou a falta de fluência em Libras como um desafio, superado apenas com o apoio da intérprete. Esse ponto reforça a importância da formação continuada dos professores em Libras e em metodologias de ensino de L2, como destacado por Patto (2010). Sem essa capacitação, fica difícil avaliar a escrita dos alunos surdos de forma adequada, respeitando suas particularidades.

A intérprete de Libras, por sua vez, desempenhou um papel crucial no processo de ensino e aprendizagem, atuando como ponte de comunicação entre a professora e o aluno surdo. Sua atuação não se limitou à tradução do conteúdo, mas incluiu a adaptação de atividades e avaliações, considerando o nível de escolaridade e as necessidades específicas do aluno. A intérprete também ressaltou a importância da formação continuada para aprimorar seu trabalho, destacando que a falta de oportunidades de capacitação pode limitar a eficácia da inclusão. Essa constatação reforça a necessidade de investimentos em políticas públicas que garantam a formação de profissionais capacitados para atuar com alunos surdos, tanto na sala de aula quanto no suporte à avaliação.

Outro aspecto relevante identificado foi a importância da avaliação formativa, que visa não apenas medir resultados, mas promover o desenvolvimento integral do aluno. Como destacado por Perrenoud (1999), a avaliação formativa fornece feedback constante, permitindo que o aluno identifique suas dificuldades e avance em seu processo de aprendizagem. No caso dos alunos surdos, essa abordagem é particularmente importante, pois permite que os professores adaptem suas práticas pedagógicas às necessidades individuais de cada aluno, evitando que a avaliação se limite à identificação de “erros” e “acertos”. Luckesi (2011) complementa essa ideia ao defender que a avaliação deve ser um instrumento de diagnóstico e não de julgamento, focando no progresso do aluno e não na punição de “erros”.

Além disso, a pesquisa evidenciou que a avaliação diferenciada não significa “facilitar” o processo, mas sim garantir que os critérios sejam justos e inclusivos. Para responder a essa demanda, elaborou-se uma rubrica de avaliação adaptada que considera a interlíngua, a mediação da Libras (L1) e o desenvolvimento da Língua Portuguesa como segunda língua (L2) obtidos na pesquisa. A seguir, apresenta-se a tabela com os critérios propostos:

Anexo A – Rubricas de Avaliação Adaptada para Alunos Surdos

Critério	Descrição	Nível 1 – Iniciante	Nível 2 – Em desenvolvimento	Nível 3 – Avançado
Compreensão do Tema	Entendimento da proposta textual e do assunto abordado	Ideias desconexas	Aborda parcialmente o tema	Desenvolve o tema com clareza
Organização de Ideias	Estrutura lógica e coesão textual	Vocabulário muito restrito	Sequência básica com falhas	Sequência lógica e coesa
Vocabulário e Léxico	Uso de palavras adequadas à situação comunicativa	Frases incompletas ou com forte influência da L1	Vocabulário simples, mas funcional	Vocabulário variado e adequado
Estrutura Frasal	Formação de frases e influência da L1 (Libras) na construção textual	Texto difícil de compreender	Frases simples com desvios previsíveis	Frases mais completas, com correções mínimas
Clareza da comunicação	Capacidade de comunicar idéias, mesmo com desvio da norma padrão	Texto difícil de compreender	Texto compreensível com esforço	Texto claro, Mesmo com pequenas falhas

Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Essa rubrica permite uma avaliação mais sensível e justa, pois desloca o foco da norma padrão para a comunicação efetiva e o progresso linguístico do aluno surdo. Além disso, oferece ao professor um instrumento formativo que respeita a singularidade linguística dos estudantes e contribui para a construção bilíngüe de fato, não apenas simbólica.

Dessa forma, o trabalho conjunto entre professor e intérprete, o uso de estratégias visuais e a adoção de critérios diferenciados de avaliação demonstram-se indispensáveis para garantir uma aprendizagem significativa aos alunos surdos. A rubrica apresentada consolida os achados desta pesquisa e propõe uma prática avaliativa coerente com os princípios da inclusão e da equidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa evidenciou que a avaliação da escrita de alunos surdos vai além de ajustes pontuais: exige uma mudança de paradigma quanto ao processo de aprendizagem e à forma de demonstrar conhecimento. Os dados revelaram que avaliar não deve ser um ato de punição pelos erros, mas sim uma oportunidade de compreender o percurso de desenvolvimento do estudante, especialmente quando consideramos as transferências linguísticas entre Libras (L1) e Português (L2).

Como pesquisadora e futura educadora, trago em minha trajetória as lições aprendidas ao acompanhar minha prima Leíze, surda, em sua jornada escolar. Vi de perto suas lutas diárias com avaliações de Português que puniam o que, na verdade, eram marcas do seu processo bilíngüe, como a omissão de artigos ou a estrutura sintática diferente, exatamente os mesmos "erros" que esta pesquisa identificou como naturais (Gráfico 1). Lembro-me de sua frustração ao receber de volta produções textuais marcadas em vermelho, não pelo conteúdo, mas por critérios que ignoravam sua língua materna. Essas vivências foram o impulso inicial para esta investigação sobre avaliações verdadeiramente inclusivas.

Os resultados confirmam que a realidade de Leíze não era isolada. O principal achado deste estudo refere-se à urgência da formação continuada dos docentes em metodologias bilíngües e à criação de instrumentos avaliativos que:

1. Considerem a Libras como base para a aquisição do Português escrito;
2. Valorizem a comunicação sobre a norma padrão;
3. Incluam a colaboração entre professores, intérpretes e a comunidade surda.

Para tanto, propõe-se a elaboração de políticas de avaliação bilíngüe, como as rubricas adaptadas apresentadas no Anexo A, que:

- Priorizam o desenvolvimento gradual da L2;
- Reconhecem as transferências linguísticas como parte do processo;
- Incluem recursos visuais e critérios flexíveis.

Este estudo também reforça a relevância de políticas públicas comprometidas com a inclusão efetiva dos surdos no contexto escolar. A valorização da cultura surda, aliada ao investimento contínuo na formação de professores e intérpretes, é imprescindível para assegurar uma educação de qualidade, equitativa e culturalmente respeitosa. Conforme Sousa (2015), o intérprete de Libras deve atuar em sala de aula como facilitador do processo de ensino-aprendizagem, respeitando o ritmo do aluno e colaborando com o professor na adaptação de conteúdos e avaliações. Essa parceria é indispensável para garantir que os alunos surdos compreendam plenamente o conteúdo trabalhado.

Em suma, esta pesquisa demonstrou que a avaliação da escrita em Língua Portuguesa de alunos surdos deve estar alicerçada em práticas formativas e diferenciadas. A formação continuada de professores e intérpretes, o uso de recursos visuais e a implementação de critérios avaliativos adaptados são aspectos essenciais para a promoção de uma educação verdadeiramente inclusiva. A abordagem bilíngüe, que reconhece a Libras como L1 e o Português como L2, revela-se a mais adequada para garantir o acesso equitativo ao conhecimento, assegurando o respeito à identidade linguística e cultural dos estudantes surdos.

Dessa forma, é fundamental que as instituições escolares e os profissionais da educação estejam atentos a essas demandas e busquem estratégias que tornem o ensino da Língua Portuguesa mais acessível aos alunos surdos. A avaliação da escrita não deve se restringir à identificação de erros ou acertos, mas sim considerar o processo de aprendizagem em sua totalidade, valorizando as particularidades de cada estudante e promovendo a inclusão. Somente por meio de uma abordagem sensível às diferenças será possível garantir que todos os alunos tenham a oportunidade de expressar seus conhecimentos e competências de forma equitativa, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e verdadeiramente inclusiva.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 25 abr. 2002.

CORRÊA, C. G. **Avaliação da escrita de surdos: desafios e perspectivas**. São Paulo: Editora XYZ, 2017.

FERNANDES, E. **Surdez e bilinguismo**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa?** São Paulo: Parábola, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

KUMADA, K. M. O. **Educação de surdos: do oralismo ao bilinguismo**. Curitiba: CRV, 2016.

KYLE, J. **Educação de surdos: uma abordagem bilíngue**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

LACERDA, C. B. F. **Avaliação em contextos bilíngues para surdos**. São Paulo: Edusp, 2020

LODI, A. C. B. **Educação bilíngue para surdos e inclusão segundo a Política Nacional de Educação Especial**. São Paulo: Pearson, 2013.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar**. São Paulo: Intermeios, 2010.

PERRENOUD, P. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

QUADROS, R. M. **O tradutor e intérprete de Libras e Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, 2004.

QUINTANA, Mario. **Cadernos H**. 7. ed. Porto Alegre: Globo, 1995.

RIBAS, A. S. et al. **TRABALHOS APRESENTADOS**. 1909.

RIBEIRO, A. A.; RIBEIRO, A. E. A. **Avaliação da produção escrita de surdos em português como segunda língua em contexto inclusivo.** 2019.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

SILVA, C. V. et al. **A escrita do aluno surdo: uma discussão acerca da interface entre a libras e a língua portuguesa.** 2019.

SILVA, M. P. M. **A construção de sentidos na escrita do aluno surdo.** São Paulo: Plexus, 2001.

SKLIAR, C. **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 1999.

SOARES, M. A.; RIBEIRO, C.; SANTOS, L. **Avaliação inclusiva: teorias e práticas.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2019.

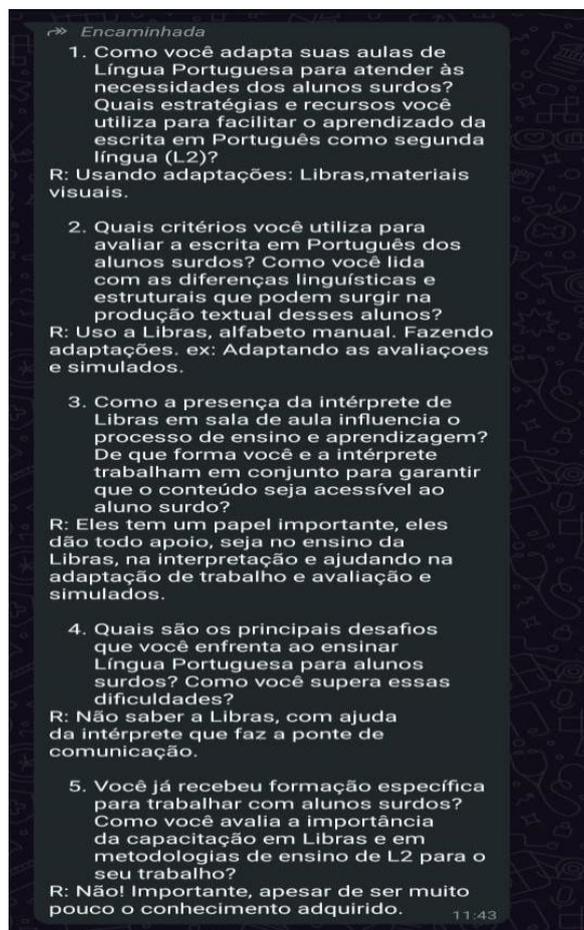
SOUSA, J. S. O. **O papel do intérprete de Libras na educação de surdos.** Guarabira: UEPB, 2015.

STROBEL, K. **História da Educação de surdos: fundamentos para novas práticas avaliativas.** Florianópolis: UFSC, 2018.b

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO A PROFESSORA DE PORTUGUÊS

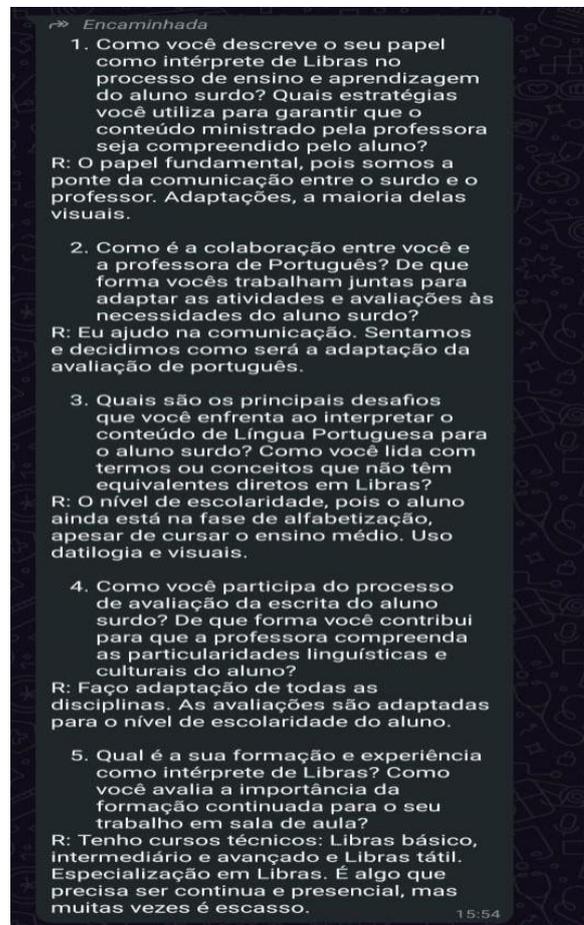
Figura 1:



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO A INTÉRPRETE DE LIBRAS

Figura 2:



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Estadual da Paraíba por todo o apoio durante minha graduação, especialmente ao Campus III, que me proporcionou a base para este trabalho.

Ao Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins, meu orientador, pelo acompanhamento técnico deste trabalho.

Aos membros da banca examinadora, Prof. Dr. Jackson Cícero França Barbosa e Profa. Mestra Cleuma Regina Ribeiro da Rocha Lins, agradeço a leitura e avaliação deste trabalho. Suas orientações enriqueceram significativamente minha trajetória acadêmica.

A professora de Português e à intérprete de Libras que participaram desta pesquisa, meu reconhecimento por compartilharem suas experiências e conhecimentos. Suas contribuições foram essenciais para a concretização deste estudo.

A minha família, por sempre acreditarem no meu potencial. E à minha prima Leíze, cuja trajetória como estudante surda foi uma das grandes inspirações para esta pesquisa. Suas lutas e conquistas me mostraram a importância de uma avaliação justa e inclusiva, e este trabalho é também uma homenagem à sua resistência.

Aos amigos e colegas de curso, em especial as minhas queridas amigas Jaisla Caroline, Maria Jamile, Laiza Gualberto e Walckria Santana, que tornaram essa jornada acadêmica mais leve e significativa.

Por fim, a Deus, pela saúde, sabedoria e pela luz que me guiou até aqui.